

DIRECTOR, PROP.º E ADMINISTRADOR
JOSÉ DA SILVA VIEIRA
 Composição e impressão: Typ. Espozendense
 Rua Veiga Beirão, 7 a 9
 ESPOZENDE

O ESPOZENDENSE

Semanario republicano evolucionista—defensor dos interesses d'este concelho

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
 LIVRARIA ESPOZENDENSE
 Editor: Manoel Gomes da Costa Freitas
 ACEITA TODA A COLLABORAÇÃO DE INTERESSE PUBLICO
 Os originaes não publicados não se restituem.

ASSIGNATURA (pagamento adelantado)

Anno, sem estampilha 1\$200 reis. * Com estampilha 1\$360 reis.
 Numero avulso 40 reis * Brazil, (moeda forte) 2\$500 reis

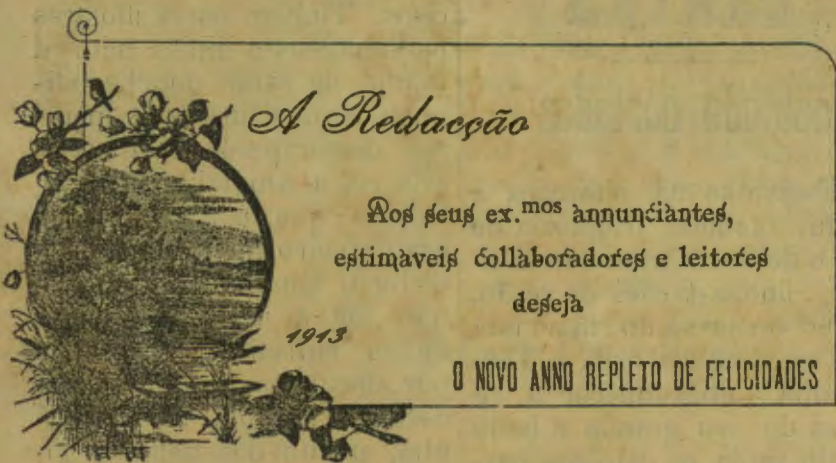
FUNDAÇÃO D'ESTE JORNAL

1886

ANNUNCIOS (seccão competente)

Linha, ou espaço de linha a 40 reis * Comunicados, ou reclames (seccões)
 Os assignantes tem 25 % de desconto. * Imposto do sello (cada publicação) 10 rs

O pagamento dos annuncios é feito no acto da entrega do original. Annuncios annuaes, contracto especial. Annunciam-se todas as obras litterarias ou scientificas das quaes se recebe um exemplar.



A Redacção

Aos seus ex.ªs annunçiantes,
 estimaveis collabôradores e leitores
 deseja

O NOVO ANNO REPLETO DE FELICIDADES

MANIFESTAÇÃO

HEGOU hontem a Lisboa de regresso do estrangeiro onde fora retemperar a sua saude o illustre e prestigioso presidente da commissão dirigente do partido republicano evolucionista Snr. Dr. Antonio José d'Almeida.

As manifestações de sympathia que lhe fizeram os seus amigos politicos excederam aquillo que era legitimo esperar, desde o adeantado da hora de desembarque e dada a circumstancia do ser esta a primeira manifestação feita na praça publica ao il-

lustre republicano, depois que contra elle se fez a traioeira e desleal campanha d'odio, que individuos destituidos do mais elemental pudor moral, o accusaram de ter renegado o seu passado de patriota e de republicano.

Hontem uma numerosa multidão aclamou com entusiasmo o Dr. Antonio José d'Almeida, e para isso certamente contribuiu o desejo de lhe fazer esquecer aquella noite do Rocio em que alguns foragidos da Penitenciaria intitulado-se cidadãos de Lisboa, pretenderam desfeitea-lo e enxovalha-lo.

Tambem para a grandiosidade da manifestação

concorreu a recordação de que o Dr. Antonio José d'Almeida, foi o reorganizador do extinto partido republicano portuguez, o maior obreiro da revolução, o mais sincero, o mais dedicado e o mais honesto dos homens, que deram o ultimo golpe na monarchia dos Braganças.

Foi ainda porque a sua intelligente e sensata politica no ministerio do interior do governo provisorio captou as sympathias dos homens de bem d'este paiz, que a manifestação d'hontem assumiu um brilho talvez d'estranhar nestes tempos de septicismo e de duvida.

Mas a fé e a ancia que hontem fizeram palpitar o coração d'esta grande cidade, seriam inexplicaveis se um conjuncto de circumstancias politicas, não collocasse o Dr. Antonio José d'Almeida na situação de ter de desempenhar no actual momento, um papel d'uma grande nota politica. E' que desde que se entrou na normalidade constitucional e que dentro do parlamento se constituiram os partidos, só um d'elles, aquelle a cuja commissão dirigente preside o Dr. Anto-

nio José d'Almeida, tem mostrado a necessidade de integrar o paiz no regimen republicano, de se governar, não com as classes conservadoras contra o proletariado, não com esta contra aquellas, mas de modo a estabelecer o equilibrio e a harmonia entre as diversas classes da sociedade portugueza, condição «sine qua non» para fazer prosperar e progredir este paiz.

O paiz está cansado de dois annos de sobresaltos e de inquietações, o paiz quer socego para trabalhar e para continuar o progresso d'este torrão sagrado, porque com o seu bom senso intuitivo e simplista elle vê accumularem-se, e não, longe infelizmente, as ambições vorazes, que só esperam a occasião propicia para nos arrebatarem senão todo, a melhor parte do nosso dominio colonial.

E como o povo portuguez já vae comprehendendo um pouco por experiencia propria e um pouco por intuição, que não é um governo radical que lhe convem neste momento, que a sua felicidade e o seu bem-estar não se adquirem prendendo como

suspeitos os padres que tiveram o gesto nobre de repelir um dinheiro que lhes queimava as mãos, justifica-se e comprehende-se como a manifestação d'hontem ao Dr. Antonio José d'Almeida e aos principios que elle defende, não foi só uma manifestação politica, mas tambem uma manifestação nacional.

Lisboa, 23 de Dezembro de 1912

Miguel Abreu

Frases feitas

À chucha calada

O sr, João Ribeiro, a pag. 234 da 2.ª serie das *Frases Feitas*, apreciando esta locução familiar, falla derivar da *chucha-calada*, i-é, «baioneta calada.» Como o «chuço» se espetava no arcabuz ou espingarda, a *chucha-calada* significava o ataque sem dar tiro, consequentemente silencioso e daí a sua analogia no sentido que a expressão veio a ter: «em silencio levar pancada sem dar pio.»

No vol. II dos *Problemas de Lingoagem*, pag. 277 o sr. Cândido de Figueirêdo regista a opinião do illustre academico e aplaude-a pela justêza da observação.

Quere-me parecer porém que entre tantas e tão superiormente estudadas conjeturas do sr. João Ribeiro não será esta uma das mais cotadas e dignas de con-

FOLHETIM

COSTUMES

E' o hábito ou costumeira tão forte e teimosa qualidade que difficilmente se cura. Da mesma forma que a superstição, o costume vem de remotas origens, já perdidas, de sorte que quem o pratica o faz quase sempre inconscientemente, porque assim vê fazer os outros, ou porque assim lho ensinaram de pequeno. Muitas vezes difficil é separar-lhe uma certa cor supersticiosa; mas havemos de notar que a superstição traz consigo uma ideia sobrenatural, da misteriosa relação do homem com as potencias supremas do Universo, enquanto que o costume sugere a ideia duma lei tacitamente estabelecida na prática atravez de muitas gerações.

1—Ao receber-se qualquer coisa, por obséquio ou esmola, é uso dizer-se:—*Deus lhe ocrecente o que fica!*

2—Quando sópra uma forte ventania, diz-se que *morreu algum escrivoão.*

3—Diz muita gente quando ouve estrear foguetes:—*Viva o Santissimo Sacramento!*

4—Deve beijar-se o pão que cai no chão, mas sem nunca o chegar ao nariz.

5—Quando se cõze pão ou brõa (pão de milho) é de uso fazer-se um bõlo da massa que fica agarrada ás paredes da masseira (*rapadura*) o

qual se oferece ás crianças. Dão-lhe nalgumas terras o nome de *neto* e *brincadeira* (de brinde?) ou *merendeira* (de merenda).

6—Quando se deita vinho num cõpo, a pessoa que está para beber costuma recomendar—*Basta cheio!*

A parte do cõpo que vai desde o liquido até os bordos, chama-se *galão*. Assim, se é pequena, é *galão de alferes*; se maior, de *capitão*, etc.

7—Quando se cõme qualquer fructa, legume ou hortaliça, pela primeira vez no ano, diz-se que a *pessoa se faz nova*.

8—Quando um sardão sóbe por uma pessoa, levanta-se um braço espalmando a mão (porque se crê que ele sobe ao ponto mais alto) e quando elle ahí chega sacode-se com força obrigando-o a cair.

9—Para arrancar os dentes a um sardão, coloca-se-lhe entre elles a aba dum chapêo velho; puxa-se o chapêo e os dentes veem agarrados.

10—O pombo é simbolo do amor (1) e da correspondencia (2) entre dois amantes.

A gaivõta tambem numa cantiga popular aparece neste sentido (1); e tambem ás vezes se representa com azas o próprio coração (2).

11—O cravo, sobretudo o rôxo, é simbolo do casamento. (3).

(1) Vol. I, *Cancion*. n.ºs 269, 360, 405, 489 e canção coreográfica *Pombinha* (pg. 189).
 (2) *Ibid.* n.º 684.

(1) Vol. I, *Canc.* n.º 395.
 (2) *Ibid.* n.º 249.
 (3) *Ibid.* n.ºs 65, 72, 92, 146, 171, 226, 260, 262, 295, 298, 332, 343, 380, 416, 505, 510, 530, 533, 598, 655, 664, e na canç. coreogr. *Papagaio loiro* (pgs. 189).

12—O mal-me-quêre tambem é usualmente empregado para se saber se alguém nos quêre bem ou mal (4).

13—Numa quadra popular vem a oliveira expressa como simbolo de paz e o pessegueiro de guerra (5)

14—Quando se quêre exprimir o bom gosto de qualquer iguaria diz-se que «sabe ao pouco» ou que «é de comer e chorar por mais.»

15—Quando alguém se esquece do que queria dizer, costuma dizer-se que é mentira.

16—Quando se quêre desviar a a conversa dum assunto triste ou desagradavel, é de uso observar:

—Bem, bem! Falemos de casamentos!

17—Quando se está aborrecido ou arreliado, diz-se:

Meu Deus, meu tudo,
 Que até nas pernas *sendes* (sois)
 cabelludol

Alguns acrescentam:

O' meu Deus verdadeiro,
 lá na vossa terra não haverá
 barbeiro?

18—Quando dois individuos se encontram, pergunta um deles:

—Por onde tem v. andado, que tão bom cabelo tem criado?

19—Quando por nós passa um conhecido que nos não corteja é de uso dizer:

—Adeus, F., diz adeus á gente e guarda lá o teu dinheiro!

20—Quando avistam um negro

(4) *Ibid.* n.º 308.
 (5) *Ibid.* n.º 671.

ou negra, os rapazes troçam-os imitando um espirro.

21—Quando se fala numa pessoa falecida, acrescenta-se alguma destas frases: *Que Deus tenha; que Deus tem, que Deus tenha em sua santa gloria; que Deus tenha muito tempo sem nós; que Deus tenha lá, que ninguém a chama cá* (1).

22—E' de uso nas aldeias os namorados ofertarem-se mutuamente, lenços bordados contendo vários assuntos amorosos (inicias entrelaçadas, corações atravessados por setas, quadros, pombas, etc.) (2)

23—Nas romarias aparecem ás vezes rapazes e raparigas desafiando-se mutuamente para cantar. Travam-se então ás vezes grandes duellos poeticos acompanhados á viola ou guitarra, sempre interessantes visto que quase sempre os dois cantadores improvisam sobre motivos conhecidos da vida ou do caracter de ambos.

Chamam-se a estes torneios *despiques* ou *desafios*. E' pena que vá caindo em desuso no concelho este costume, tão pitoresco (1).

24—E' de uso dizerem os rapazes ás rapasigas de quem gostam, que sonharam com elas (2).

(1) Esta última apóstrofe revela o terror do povo pelas almas do outro mundo, que, com o diabo, as bruxas e o inferno, são o quádruplo pezadoelo que lhes oprime a razão.

(2) Vol. I, *Cancion*. n.ºs 186, 385 e 549.

(1) Vol. I, *Canc.* n.ºs 194 a 197, 344, 461, 467, 678, 681 a 683, 692 e 693.

(2) *Ibid.* n.ºs 531, 537 e 538.

25—O S. Martinho parece, na concepção popular, ter sido um santo folgazão, por isso é testejado com grandes orgias de vinho e castanhas.

Ha mesmo um rifeão que confirma esta usança.

A celebração do Santo fraccio-nou-se, dando-nos dois: o S. Martinho dos homens e o das mulheres (11 e 12 de novembro). Cada sexo festeja o santo bispo turonez no seu respectivo dia (1).

26—E' costume fazer promessas Deus, á Virgem e aos Santos em crises de doenca, cuidados graves e aflições, como de resto mais ou menos em todos os paizes cristãos. Consistem as promessas em orações ou penitencias ou na oferta de presentes ou objectos simbólicos. No primeiro caso a promessa nada tem de interessante a não ser que revista um caracter extravagante, tal como ir o proniteante descalço, vestido exóticamente ou amortalhado nas procissões, dar voltas de joelhos a determinada igreja ou capela, etc. O segundo caso é muito mais curioso, porque ás vezes promete-se, feita em cêra, a parte do corpo afectada (mãos, cabeça, seios, olhos, membros, etc. A população maritima (marinheiros e pescadores) em caso de naufrágio de que se salvam, oferecem um navio ou um quadro votivo, o que tambem muitos fazem

(1) O S. Martinho cristão, é, afinal de contas, uma nova incarnação do Deus Baccho. No calendario ecclesiastico figuram mesmo alem dele, um S. Baccho, (8 de outubro) e S. Dionysio (o *Dionysos* dos gregos?) a 9 do mesmo mês. Houve em tempos na Figueira uma congregação de amadores do corno da uva, crêmos que com o titulo de *Irmãde de S. Martinho*.

fiança, carecendo sobretudo de fundamento histórico que seria neste caso a base de uma rigorosa e indiscutível determinação.

A expressão corresponde em sentido ao esp. *chiticalla* e á loc. adv. *ir ó andar á la chiticallando*, i-é, «andar silenciosamente; realizar qualquer negócio ou empreza em sigilo, sonegadamente.»

Os léxicos castelhanos registam-lhes a etimologia: «de *chito*, interj. que impõe silêncio, e *calar*. E' pois um intensivo deste verbo, como tantos outros.

A *chito*, ou antigo castelhano *chite*, correspondem as interjeições portuguezas *chiste*, *chute*, *chus* (< *sus*) *chis* e *chiche* por desdobramento ou ampliação do som final de *abis* (como *buche*, de *buz*).

No velho português encontramos a forma *chis-chalar* ou *chiche-calar* também como intensiva.

Acham-se exemplos no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Rezende:

«Eram vossos tempos autos nas festas da imperatriz, mas agora *calar chys* nem he' tempos de crispatus».

Fazer qualquer coisa de *chiscala* ou á *chiscala* (= *chiche-cala*) indicava o silêncio ou cuidado com que se procedia. «Falar de *chiche-cala*» era o mesmo que «falar á boca pequena», como vem nas trovas de Joaquim Fogaça, do mesmo *Cancioneiro*, «sobre o commendador moor de Santiago, que lhe fugio hu' Mouro, & á quantos achava perguntava por ele»:

«Anda mais bravo q' touro, & a quem fala pergunta de *chiche cala*, senhores, vistesmau mouro?»

Chiche-cala de *chis calar* veio a dar *chiche-cala* por equivalência, de *chus-calar*.

A forma *pela calada* ou á *calada*, que encontramos mais tarde, (1) com significação análoga, explicaria por influência natural do sentido e forma, a de-

rivação do segundo elemento se ele se não explicasse muito naturalmente como participio do verbo, entrando na formação de uma expressão adverbial á *chucha calada*, i-é «em silêncio».

No moderno á *chuche calada* ha apenas no primeiro elemento a variante final por influência da preposição. Com esta variante concorda o segundo elemento.

(1) No *Pinto Renascido*:

«mas eu cá *pela calada* digo que em nada dizer, disse muito, com fazer hum Soneto mudo e mao»

pag. 289

Na *Arte de Furtar*:

«Offerecco-se o milhao á galinho para ser seu enfermeiro e em dada visita mamava hum pinto *pela calada*»

(pag. 289.)

Um pau por um olho

Sobre esta expressão popular que indica o baixo preço por que se nos oferece qualquer coisa, ou ainda, e mais latamente, a conveniência vantajosa em qualquer situação, conjectura o sr. João Ribeiro (1) que o sentido se não relaciona ao preço mas á evidência: E' o encarecimento habitual dos que insinuam ou mercadejam; é o que *salta aos olhos e se mete pelos olhos dentro*, e de tal arte que exclui maior exame ou cuidado.

Nas minhas desvaliosas observações ás opiniões do illustre académico brasileiro, sugeri a idéa de que a preposição neste caso exprime *troca*, como na expressão de sentido e construcção paralelos: *um ovo por um rial*—«dar um pau em troca de um olho (2)».

O pau é a insignificância de um custo minimo, com o rial: No olho está a valorização máxima que se expressa em outras fórmulas como: *custar os olhos da cara*, *dar um olho ao diabo*, etc. (3).

O sentido das expressões:

mado *pau-de-fleira*, isto é, a trave horizontal onde assenta a fleira das telhas que separam as duas vertentes do telhado, o dono da casa ou empreiteiro manda dar vinho aos operários, e estes enfeitam a construcção com verduras e flores.

31—Durante a Quaresma, até ás proximidades da Pascoa, ou antes, até Domingo de Ramos, aquele que primeiro pede as amendoas a quem encontra, ou que primeiro lhe chama padrinho, tem direito a recebê-las.

32—Na noite de quarta-feira da 3.^a semana da Quaresma (*mi-carême*) era costume ainda não ha muitos anos *serrar a velha*.

Para isso, um grupo de rapazes aproximava-se alta noite, a certa distancia das casas onde morava alguma velha rabugenta, munidos dum barril ou caixote velho e duma serra de pau. Em voz disfarçada, começavam chamando por elas, ou lendo um testamento, em que elas deixavam diversos legados burlescos.

A cada cláusula lida, um dos presentes passava a serra no caixote, que tirava de lá um ruído sêco e irritante. Claro que a mór parte delas chegava á janella insultar a rapaziada; e era então de vêr como os doestos e ditos de espirito redobravam, e a serra, fervilhava com grande gáudio dos ouvintes, que apareciam sempre em grande número.

33—Quando um rapaz tem feito apalermado, ou chegou pela primeira vez á terra, ha sempre quem o leve á caça dos *gambosinos*, que dizem ser um animal muito interessante. Levam o rapaz ao campo, e juntam dum buraco, ravina, ou barranco,

salta aos olhos e mete-se pelos olhos dentro relaciona-se, sem dúvida, á evidencia de determinado facto. E' o que, figuradamente, está tão próximo dos olhos que absorve todos os raios visuais. No entanto, «meter um pau por um olho» não tem a mesma razão semántica, antes poderia indicar cegueira completa e lá me parece que a deducção vem assim em prejuizo do espirito da frase.

«Meter um pau por um olho» para fazer ver, foi suplicio que escapou a Torquemada e outros illustres e pios varões dos tribunais da Fé.

O povo, na sua paramiologia, respeita os olhos, trata-os carinhosamente porque pensa: *com o olho e com a fé não zombarei* (4). E para mostrar que nenhum corpo extranho deve penetrar nos órgãos visuais tem a expressão *deitar poeira nos olhos* que é o ardil com que se provoca, por conveniência, uma cegueira momentânea, e o expressivo provérbio que conforta a minha deducção: *todos veem o argueiro no olho do vizinho e ninguem vê a tranca no seu*.

Mas não basta analisar certas expressões na sua fisionomia corrente, quando ellas não oferecem uma segura interpretação.

Muitas se adulteraram, todos sabem, com o uso, tomando character e aspecto diversos das primitivas, quer pela influência de outros vocabulos consoantes mais usuais, quer por se ter perdido a noção do sentido originario.

Estas modificações, contudo, não são radicais. A expressão, muitas vezes, embora transfigurada, conserva em estado latente

(1) *Frases Feitas*, II, 115.

(2) *Frases Feitas*, pag. 9.

(3) O illustre romanista sr. Gonçalves Viana que teve a amabilidade de me dar á conhecer a sua opinião sobre as minhas conjecturas diz-me que se não conforma com esta interpretação por lhe parecer que a preposição está no sentido do *per* e não do *pro* latinos.

(4) *In Adagiario*, de Rolland.

te a feição primitiva que nem sempre se torna fácil descobrir.

Vamos vêr se poderemos analisar esta expressão sob outro aspecto.

Oscar de Prati.

CARTAS

Annotando nórtadas...

Estava se na pitoresca e ja mui alindada freguezia de Mar e decorria uma das muitas... lindas-tardes de verão. O Céu vestia-se do mais puro e encantador azul, a Terra tinha a engrandecer a riqueza do seu grande e bello manto verde os canticos harmoniosos das avesinha's.

A tarde estava realmente bella e sbejamente convidativa a *faize um tour de promenade* e, conjunctamente, á sempre agradável procura dos pequenos beijos que o pélagos immenso mansamente deposita no dourado areal de suas extensas praias. Todavia, apesar de tão seductoras e apreciaveis maravilhas da Natureza, a presente tarde estava inteiramente reservada pela fina escol da colonia balnear ao agradável passatempo dos jogos.

Escusado será dizer que eram os jogos do «Quino» e «Sou eu» os geralmente preferidos. Se o «Quino» chegava por vezes a aborrecer pelo quasi silencio que exigia, outro tanto não acontecia com o divertido e facil «Sou eu» que causava sempre, entre as constantes gargalhadas dos circunstantes, formidaveis batallas de phrazes advinhadoras, que se trocavam entre os jogadores e que muitas vezes tinham o agradável produzir de verdadeiras surpresas. Certamente, caro Oileda, que não te será preciso dar

teiros, o que prova que este costume está muito espalhado.

36—Em dia de S. Miguel podem assaltar-se os pomares e tirar a fruta sem que os seus proprietarios possam protestar.

37—E' costume, como de resto em todo o paiz e quase todas as nações civilizadas, por occasião do Natal, Ano Bom, Reis e Pascoa, dar e receber boas-festas, e desejarem-se uns aos outros um feliz novo ano. Também é de uso fazerem-se presentes por esta occasião.

38—Ha duas procissões do Senhor dos Passos: uma nocturna, outra de tarde.

Na primeira apparecem acompanhando-a com lanternas de madeira e papelão, tendo por transparentes vidros coloridos e papeis pintados, na ponta de varas.

Estas lanternas, que tem muitas vezes o aspecto de casas, igrejas, cruzes, sol, lua, estrelas, etc, e até motivos politicos (barretes frigios) dão ao cortejo um aspecto imprevisito de pitoresco.

Na procissão diurna (do antigo convento de S. Antonio para a igreja matriz) vão rapazes e raparigas ricamente vestidos, representando o sol, lua, estrelas, a noite, etc. e transportando outros os instrumentos da Paixão.

39—Nalgumas terras do concelho, o acto matrimonial reveste-se de episodios dignos de registro. Assim, nas freguezias de Quiaios e Breinha, os noivos separam-se findo o acto religioso, e cada um recolhe a sua casa, não consumando o casamento, senão ao cabo de 8 dias.

Tambem em Lavos, freguezia (fre-

tratos á imaginação para descobrires quem era o amavel cavalheiro que, ao dispormos para jogar, se apressava a offerecer uma cadeira á mais gentil e sympathica dama do grupo, sem offensa á linda Vivi, e a quem ella galantemente correspondia com um dos seus sempre encantadores sorrisos. Tinham estes illustres personagens a muito natural mania de estar conchegadinhos, o que causava os maiores destemperos e notaveis arrelias a um tal imberbe D. Dobicu que, por tal motivo, era parceiro inteiramente distrahido. Quanto ao rico Il, a não ser a unica distracção de se entreter perpassando por suas mãos as longas madeixas d'alguma dama vizinha, era um dos melhores jogadores do «Sou eu». Sempre com fina verve e sempre amavel este illustre cavalheiro! Quando no melhor da primeira partida deste jogo, eis que todos se levantam e trocam olhares de justa admiração. E' que acaba de chegar a figura mais exquisita deste mundo; appareta a meiguice do cabrito, e é no fundo a personificação da crueldade e da maledicencia. Com assomos de muita illustração, ignorava por completo a subjectividade da sympathia; naturalmente julgava-se a pessoa mais sympathica d'este cantinho europeu! Recordas-te, amigo Oileda, da seguinte pergunta que a fina e hnda Vivi lhe dirigiu no jogo?—«Quem gosta de galanteios?» Após um pequeno intervallo, pausa-se na mesa uma «dama de paus» e ouve-se a meliflua voz da tal sabsaborona figura, que exclama: «Sou eu?». E' que a linda Vivi sabia ser uma intelligente e optima physionomista. E' tempo, bom Oileda, de te dizer «quelque chose» do tal «Ze-Jaquim», teimoso passaro d'arribação, que

guezia ao sul do Mondego) a consumação do acto conjugal se realisa só passados 3 dias (1); mas segundo informações que dali temos já se não demora atualmente o complemento do matrimonio (2).

40—Quando chega a Pascoa, os diversos párocos do concelho começam uma peregrinação de casa em casa nas respectivas freguezias, dando as boas festas aos moradores, e recebendo deles dinheiro ou generos, neste caso ordinariamente uma galinha. Chama-se a esta costumeira *tirar o folar*.

Geralmente acolitam o padre que vai de estóla e sobrepeliz: o sacristão, que leva consigo a lista com o nome dos paroquianos; um homem de confiança, portador do sacco para o dinheiro; e um outro que transporte a caldeirinha da agua bente, e um crucifixo enfeitado com laços e flores. Estes homens quase sempre vão de ópas vermelhas. Quando as freguezias abrangem povoações distantes, o padre, e ás vezes os companheiros, vão a cavallo.

(Continua)

(1) *O Povo Port.*, I, 238.

(2) O Sr. Pedro F. Thomás, num interessante estudo publicado n.º 8 do *Boletim de Soc. Arch. Santos Rocha* sob o titulo *Antigas fórmulas populares do casamento no conc. da Figueira*, não menciona o facto.

(1) No Minho é o *carro* (40 alqueires) a unidade de medida, diz Th. Braga. Assim, se alguém tem mais de 40 anos, diz-se: *já passa de um carro*; se tem 60: *anda lá pelo carro-moio* (carro e meio). (*O Povo Port.*, I, 128).

(2) *Vid. Gazeta da Figueira*, de 27 agosto 1910.

(1) *Vid. Gazeta da Figueira*, de 27 de agosto de 1910.

nos apparecia, estrada fóra, fazendo esforços por se aproximar na sua já mui arrebatada móto. Parece que estou ainda a vê-lo, qual Cerbero, encostado à porta da rua, donde nunca sahia a chamar a attenção d'alguns do grupo para lhes apontar, não sei com que intenção, a especialidade de seus alvos e agudos dentes, talvez, quem sabe, desejosos d'alguma aza de Perú. Em civilidade ia longe este cidadão! Basta notar que, numa celebre casa onde estava suspenso duma trave um enorme cevado, que fazia a admiração d'umas quinze pessoas presentes, elle teve, como saudação á sua entrada, o seguinte:—«O' sôr patron, então ainda cheguei a tempo? Antoninha, como vaes?»

Antoninha era uma mulher com dois dobros da sua idade. Para os outros nem sequer uma leve inclinação de cabeça. Coitado... prendeu-se logo á ideia da sarra-bulhada.

Pobre «Zé-Jaquim!» falta-te o melhor—que é o verniz da educação. Lembras-te, Oileda?... mais tarde apparece-nos este pardal na cidade invicta, segurando na cauda do seu frágue aquelle terrível «não» que, no dizer dum nosso illustre escriptor, não tem direito nem avesso; é sempre «não». Acontece isso a muito boa gente! Oileda, termino por hoje; já que se foram, por algum tempo, os recreios do «Quino», recomendo-te te vás aproveitando dos «quinados» porque, repito, «não vaes bem.» Até breve, e conta com a surpresa dum testamento, que não foje á historia.

Moansel Goré.

PAÇOS DO CONCELHO

Já funcionam nos antigos paços do concelho, agora totalmente reformados e melhorados, como n'um dos ultimos numeros dissemos, quasi todas as repartições publicas com séde n'esta villa.

Ampla e hygienicamente instaladas, não podemos sobretudo deixar de salientar a parte do edificio destinada aos serviços forenses, sendo difficil de encontrar em terras similares tão adequada e vasta sala de tribunal como a que fica possuindo esta comarca.

No resto do edificio funcionam as seguintes repartições: Camara Municipal, Secretaria de Finanças, Administração do concelho. Registo civil, e Recebedoria do concelho.

Felicitemos a illustre vereação municipal, na pessoa do seu activo e diligente Presidente sr. Firmino Loureiro, pelo melhoramento com que durante a sua gerencia dotaram a séde do concelho.

ENTRE NÓS

A passar as festas do Natal e Anno Bom estiveram n'esta villa e concelho numerosas pessoas das nossas relações, a quem apresentamos d'esta forma os nossos cumprimentos.

VALENTIM RIBEIRO

Encontra-se ha dias entre nós de regresso da França e da Suissa, onde foi em busca de litonivo aos seus soffrimentos, o nosso bondoso amigo, bemquistado capitalista, e valioso benemerito snr. Valnetim Ribeiro da Fonseca, em companhia da sua ex.^{ma} familia.

Melhorado sensivelmente dos seus padecimentos phisicos, foi com a maior alegria e jubilo que todo o povo d'este concelho o viu regressar á sua terra natal que S. Ex.^a tanto adora, e onde a sua iniciativa e benemerencia tornando-se imprescindiveis e necessarias para o progresso d'esta villa, constituem assim titulos de gratidão de todo este bom povo para com elle.

A S. Ex.^a e Ex.^{ma} familia os nossos cumprimentos e saudações de boas-vindas.

SUBSTITUIÇÃO

A requerimento do delegado marítimo sr. Guilherme Augusto Pereira, e nos termos da portaria que assim o determina, foi este nosso amigo exonerado do cargo que vinha exercendo n'este concelho e substituído pelo guarda marinha da mesma classe sr. Antonio Gabriel Ferreira. O novo delegado marítimo chegou hontem, retirando domingo para Lisboa aquelle nosso estimado amigo e zeloso funcionario, a quem desejamos a maior felicidade.

CINEMATOPHOTO

Sabbado e domingo foi uma constante romaria para o Theatro Club Espozendense onde se exhibiram as mais sensacionais fitas da actualidade, e das melhores procedencias do estrangeiro.

As sessões populares do domingo, sobretudo, constituiram um verdadeiro successo, tendo-se disputado os lugares para a entrada no popular e elegante theatro espozendense.

Brevemente se exhibirá a extraordinaria e applaudida fita «Vida de Christo» havendo tambem no proximo domingo novas sessões populares ao modico preço de 40 reis.

O SNR. DAS FINANÇAS

O snr. Eugenio Ferreira, secretario das Finanças em Espozende, lá se foi de longada até Lisboa, naturalmente batalhar pela sua **promoção por distincção**. Que diabo! Faça a vontade ao homem, snr. Ministro das Finanças, contanto que de uma vez para sempre este concelho **o veja affastar-se para longe**.

E depois, não é um acto de justiça premiar um funcionario publico que **compra e vende cavallos, bols, porcos e gallinhas**, e que até tem sido intermediario commercial para a **venda de azulejos** n'esta villa? Ouçam, ouçam o que diz o bétuquisto e importante negociante d'esta villa sr. Jesé da Costa Terra, e verão se realmente o illustre snr. das Finanças não tem fomentado a riqueza agricola do paiz e muito nomeadamente a do Alemtejo. E um homem d'estes deve ser esquecido pelo snr. Ministro das Finanças?

Esquecid'os demais tem elle estado; e por isso é que urge pôr cobro a tal silencio, dando-se-lhe o galardão que compete a tão conspicuo varão, que traz embeibado d'amor por elle todo o bom povo d'este concelho.

Expediente

Estamos procedendo á cobrança da assignatura do ultimo semestre do nosso semanario.

Aos assignantes d'este concelho rogamos o pagamento logo que para tal sejam procurados pelo cobrador; aos de fóra do concelho pedimos tambem o prompto pagamento ao receberem o respectivo aviso do correio.

O contrario, acarretar-nos-ha despezas pouco retribuidas com a diminuta importancia da assignatura.

Esperamos pois que os presados assignante atendam o nosso pedido. O que, reconhecido, agradecemos.

Aos do Brazil levamos igual pedido, enviando-nos seus debitos em saques, notas do Brazil ou por outra qualquer forma que mais lhe convier, favor que igualmente agradecemos.

Comarca de Espozende

ANNUNCIO

1.^a publicação

PELO Juizo de Direito da comarca d'Espozende e cartorio do

escrivão Moraes Rocha—correm seus termos uns autos d'acção ordinaria de investigação de paternidade illegitima em que são author—Augusto Rodrigues da Silva, casado, lavrador, da freguezia de Forjães e reos—Maria José da Cunha, — viuva — José Luiz da Cunha—viuvo—Amelia das Dores Cunha e marido Antonio Maria Pereira Telles de Menezes Montenegro—padre Manoel Antonio Alvares da Cunha — Emilia Thereza Alvares da Cunha e marido João Gomes Alves — Maria das Dores Alvares da Cunha e marido Eleuterio José Magarinho—Joaquina Isabel Alvares da Cunha e marido Antonio José Rodrigues—Magdalena de Jesus Alvares da Cunha e marido José Antonio do Souto—Candido José Alvares da Cunha, solteiro—maior—todos da freguezia de Verdoejo—José Antonio Alvares da Cunha e mulher Anna Maria d'Abreu, tambem conhecida por Anna d'Abreu, de S. Mamede de Friestas, todos da comarca de Valença—o Ministerio Publico e as pessoas incertas e n'elles correm editos de trinta dias, que se contarão posteriormente ao findamento do praso de dez dias a contar da data da ultima publicação,

do annuncio, citando as pessoas incertas para na segunda audiencia posterior ao acabamento do praso dos editos verem accusar a citação e ahi marcar-se-lhes o praso legal para contestarem, querendo, a dita acção em que o author pretende provar que é filho illegitimo do padre José Luiz da Cunha, solteiro, parcho que foi da freguezia d'Alvares, comarca de Viana do Castello e alli fallecido e residente, para assim poder succeder na sua herança e usar o seu appellido, seguindo a acção os seus ultimos termos.

As audiencias n'este juizo fazem-se em todas as quartas-feiras e sabbados, não sendo o dia feriado, por dez horas da manhã no tribunal sito na villa de Espozende.

Espozende, 3 de Dezembro de 1912.

O Escrivão de Direito João Evaristo de Moraes Rocha
Verifiquei
O Juiz de Direito
Leal Sampaio

Comarca de Espozende

ANNUNCIO

1.^a publicação

PELO Juizo de Direito da comarca de Espozende e cartorio do 3.^o officio—Es-

crivão substituto João Vinha—correm editos de trinta dias, citando todas e quaesquer pessoas que pretendam impugnar uma justificação avulsa, requerida por Daniel Francisco, viuvo, proprietario, residente nesta villa, a qual tem por objecto habilitar-se como unico e universal herdeiro de sua esposa Maria José de Athouguia, fallecida no dia 10 de novembro ultimamente findo sem descendentes nem ascendentes e sem disposição de bens, para todos os efeitos legais e, especialmente, para serem averbados em seu nome os papeis de credito que se achavam averbados a favor d'aquella sua mulher, a saber:—16 inscrições da Divida Interna Fundada de valor nominal 100.000 reis cada uma, com os numeros 4.737,—19.487,—22.254,—22.256,—60.621,—60.696,—61.532,—63.315,—63.838—73.763 103.182,—109.231,—190.625,—206.878,—

206.879,—206.880,— Uma inscrição da mesma divida, de valor nominal de 1.000.000 reis, com o n.^o 123.233; e 4 inscrições da Divida Interna Consolidada, de valor nominal de 100.000 reis cada uma, com os n.^{os} 221.528; — 221.529; — 221.530; e 221.531—para que o façam até á terceira audiencia depois de accusada a citação; accusação esta que ha-de efetuar-se na segunda audiencia deste Juizo, depois de findo o praso de 10 dias, contado da segunda publicação deste annuncio; com a pena de revelia. As audiencias tem lugar em todas as quartas-feiras e sabbados de cada semana, não sendo feriado, por 10 horas, no tribunal judicial.

Espozende, 5 de Dezembro de 1912.

O escrivão substituto do 3.^o officio
João Gomes Vinha
Verifiquei
O juiz de direito,
Leal Sampaio

ANNUNCIO

O Cidadão Antonio de Abreu, Presidente da Commissão Concelhia de Administração dos bens pertencentes ao Estado no concelho de Espozende:

Faz saber que no dia 6 de Janeiro proximo futuro, pelas 11 horas, na administração d'este concelho serão arrematados pelo maior preço oferecido sobre o valor porque entram em praça, as rendas ou rendimentos dos paços e casas de habitação das seguintes freguezias: — APULIA, — CURVOS, — FONTEBOA, — GEMESSES, — MÁR, — MARINHAS, — PALMEIRA e VILA-CHÁ (casa de habitação).

As condições respeitantes a estes arrendamentos estão patentes no escritorio do Cidadão Secretario d'esta Commissão, onde se dão tambem todos os esclarecimentos, em todos os dias uteis das 11 ás 15 horas.

Espozende 20 de Dezembro de 1912

O Secretario,
João Fernandes de Faria
Vasconcelos
O Presidente,
ANTONIO D'ABREU

ARTE

ARCHIVO DE OBRAS D'ARTE
Director e gravador—MARQUES ABREU
Rua de S. Lazaro, 310—PORTO

TYPOGRAPHIA E LIVRARIA ESPOZENDENSE

DE

JOSE DA SILVA VIEIRA

RUA VEIGA BEIRA OZIA 9

ESPOZENDE

O maior depósito de impressos da Província do Minho

A nossa officina montada com todos os mecanismos e typos o que ha de mais moderno na arte de imprimir é a que atualmente fornece de impressos a maioria das repartições publicas, do norte do pais, por preços inferiores a todas as suas mais congeneres, rivalizando na perfeição e qualidades dos papeis que emprega.

N'esta casa encontra-se mais á venda e por preços excessivamente modicos os seguintes objectos:

Secção de Typographia

N'esta officina executa-se com a maior perfeição e rapidez, segundo os processos mais modernos da arte. Imprimem-se jornaes, livros, programmas para festividades, cartazes com typos grandes e em grande formato, participações de casamento, circulares, memoranduns, facturas para o commercio e particulares em todos os tamanhos e diferentes gostos, envelopes de côr ou brancos timbrados á vontade do freguez, notas de officios, etiquetas para pharmacia, bilhetes de rifa e todos os impressos necessarios ao commercio, industria, repartições publicas, escritôes de direito juntas de parochia, contrarias e particulares.

Especialidade em bilhetes de visita para o que possui um catalogo illustrado com uma vasta e linda colleção de typos em todos os tamanhos nacionaes e estrangeiros. Ha tambem uma grande variedade de cartões brancos em todos os tamanhos e qualidades e um variado sortido em phantazia, pergaminho, linho e muitas outras qualidades onde o freguez pode escolher a sua vontade.

Os preços dos bilhetes com a impressão são relativos ás qualidades do cartão variando entre 300 até 800 reis cada cento.

Livraria.—Livros escolares de todos os autores, escriptas (Cruz e Simões Lopes), papel em todas as qualidades, louzas em todos os tamanhos e preços, tinteiros com tinta preta desde 30 reis para cima, canetas desde 5 reis. aparos, lapis desde 10 reis, tinta a retalho e todos mais objectos adquados nas escolas primarias,

Material escolar, fornece-se com execução perfeita, taes como carteiras, secretarias, cadeiras, estojos, louzas grandes, mapps parietaes, esferas, estantes, e mais objectos pertencentes ás escolas, fornecem-se por preços muito inferiores a qualquer outra casa congenera.

Dão-se todos os esclarecimentos e preços.

Canetas de tinta, ultima novidade, a 200 240 e 300 reis, a melhor invenção,

Papel bordado para cartas amorosas, (grande sortido), envelopes bordados para os mesmos, d'esde 20 a 80 reis.

Chromos, ramos, santos, estampas, figuras de passar, cartões de dobrar, chromos de phantazia de abrir, ultima novidade, para diferentes preços.

TINTA DE MARCAR roupa, Colla-tudo, lamparinas de pau a 20 reis a caixa, e de porcelana a 40 rs., giz para alfayates, bilhar e escolas, gomarabica, prende papeis, ataches, sabonetes, borrachas para safar tinta e lapis, obréas, lapis pretos de 10 reis para cima, azul, azul e vermelho, lapis de tinta, lapizeiras com lapis e pena desde 30 reis para cima, canetas desde 5 reis a 120 reis.

ETIQUETAS em caixas a 60, 80, 90 e 100 reis cada uma.

POSTAES em côres, bro-meto escuro imitação verdadeira da photographia, o que ha de mais fino e mais moderno, que em toda a parte se vendem a 40 e 50 seis cada um são no nosso estabelecimento a

10, 20 E 30 rs.

cada um.

Collecções lindissimas em todos os gostos e para todos os preços, havendo n'este ramo um colossal sortido.

Todos os postaes de 30 reis para cima tem direito a um envelope de seda.

POSTAES

com vistas de Espozende, Fão, Apulia, e outras freguezias d'este concelho.

Cada 5 postaes 40 reis. E' um reclame.

TINTA preta, azul-preta, carmim e mais côres para escrever. Tinteiros de vidro com tinta, redondos e quadrados para o preço de 30, 40 e 50 reis, havendo frascos grandes desde um 1/4 de litro até 1 litro, a diferentes preços.

PAPEL de seda para flôres em todas as côres, de 1.ª e 2.ª qualidade; papel affixe para illuminação, lindas cores; dito para folhagem em verde, prateado e muitas outras côres com brilho.

PAPEL almaço e fino em todos os formatos e para todos os preços; papel fino para cartas em todas as qualidades.

PAPEL PARA CARTA A 10 REIS

PAPEL de musica proprio para bandas marciaes e par-

ticulares, diversos modelos.

PAPEL de chupar tinta, em vermelho, côr de rosa, branco, verde escuro, e outras muitas côres e qualidades.

LIVROS EM BRANCO para o commercio, industriaes e particulares, havendo em todos formatos e papeis diversos e preços muitos razoaveis.

SEM RIVAL

A **140,**
160,
200 ATÉ 800

REIS

Cada caixa de bom papel com 50 folhas e 50 envelopes.

BLOCOS para calendarios.

AGENDAS de algibeira para 1913 muito portateis e uteis.

ALMANACHS Bertrand, Seculo, e todos os outros publicados para o futuro anno de 1913.

VISTEM O NOSSO ESTABELECEMENTO

Ha um grande e variado sortido de livros nacionaes e estrangeiros á venda na nossa livraria, avultando grande numero de romances de diversos auctores, obras scientificas, religiosas, politicas etc., que se vendem por preços excessivamente baratos. Ha tambem muitas obras, edições da nossa livraria, tanto litterarias como sobre o Folk-lore portuguez, as quaes constam de catalogo especial e remettemos a quem nos enviar a sua importancia.